

Agradecido pela anterior publicação me encorajo a outra: O PELEGUISMO GLOBALIZADO

O pelego, na sua significância originária, é o apero típico gaúcho usado nos arreios, sobre os bastos ou serigote, para evitar o atrito e o desconforto no cavalgar. Na era varguista a palavra obteve uma conotação que era empregada pela esquerda para estigmatizar o atrelamento dos líderes sindicais ou de seus sindicatos coadjuvando a política do todo poderoso Ministério do Trabalho de então. Serge Tchakhotine num clássico, *A Mistificação das Massas pela Propaganda Política*, citando Clyde Miller, afirma que as palavras, num processo pavloviano de condicionamento psíquico, podem ser utilizadas, entre outras possibilidades, como “alavancas de rejeição – que tem a finalidade de rejeitar certas idéias, pessoas, etc., associando-as a males, palavras, símbolos e atos, que invocam o medo, o desgosto, etc.; por exemplo, morte, facismo, imoral, etc.” (*Civilização Brasileira – Rio de Janeiro – 1967 – fl. 101*).

No seu rito crítico de exorcização ao poder a esquerda utilizou contundentemente a sua arenga contra aqueles, que para eles, coonestavam posições indefensáveis.

Hoje a esquerda é o Poder. Uma ampla gama de partidos e as chamadas “correntes” formais ou informais estão hospedadas, literalmente, no Poder e o utilizam para a viabilização do que chamam de “reformas”.

Em que consistem estas reformas? A resposta é simples: Na continuação da política de reengenharia globalizante da era Fernando Henrique Cardoso. Política monetária de arrocho salarial; de depressão da produção através da instituição da usura financeira em detrimento da produção; da destruição do estado nacional através da venda dos seus ativos e do desmonte do seu quadro funcional; da flexibilização dos direitos dos trabalhadores tanto da atividade privada, como da atividade pública; da reforma tributária que centralize o poder todo em Brasília, extinguindo com a federação, os estados e municípios; do controle externo do Judiciário, para que a cidadania não reclame; da flexibilização previdenciária; da reforma agrária para implantar o sistema de produção integrado “just in time” em que as multinacionais utilizem mão de obra sem custo social algum sob o engodo da distribuição da propriedade; da continuidade da remessa de divisas que sangram em mais de 100 bilhões de dólares os cofres da República com o pagamento do serviço da dívida que, até agora, não passou pelas auditorias prometidas. Eis aí a radiografia veraz e incontestável da verdade coonestada pela neo-peleguismo de uma esquerda fajuta que com uma cara de pau inconcebível, incapaz de sequer lembrar de enrubescer, honra o personagem consagrado por Molière no seu mega modelo de hipocrisia: Tartufo.

A geléia fisiológica devidamente coligada, num legítimo mingau partidário, cavalga hoje suas Ccs. Encilha com suas prebendas e sinecuras o Poder da República mas não chega nem aos pés daqueles que no passado construíram com o tenentismo do cedo (getulismo) e o tenentismo tardio (movimento de 64) um modelo de desenvolvimentismo e de soberania nacional com os altos índices de expansão do PIB nacional e dos valores de resgate dos direitos positivos, materiais ou sociais que honram, no panteão da história os construtores da pátria nacional. Sem projeto de governo, mimeticamente, imita aqueles a quem criticava desmascarando sua genética de verdadeiro clone. Eis aí, a descrição nua e crua do que já foi cognominado pela análise transaccional como inversão de papel. Os acusadores podem ser hoje acusados de pelegos globalizados a serviço do FMI. SÉRGIO BORJA – PROFESSOR UNIVERSITÁRIO.